

## A República e a Igreja

«Não há poder que não venha de Deus.»

Rom. XIII, 1

Temos aqui, aberto diante de nossos olhos, sobre a nossa mesa de trabalho, uma carta encíclica dirigida pelo que foi Papa Leão XIII «aos arcebispos, bispos, ao clero e a todos os católicos da França»,—documento onde bastante há que aprender, visto que muito fanático ainda há que combate a República em nome de Deus.

Patenteando Leão XIII que não existe nenhuma incompatibilidade entre ser, ao mesmo tempo, republicano e católico, dizia elle, o habilíssimo chefe supremo da Igreja:

«...os católicos, como todo o cidadão, teem plena liberdade de preferir uma forma de governo a outra, precisamente em virtude de nenhuma destas formas sociais se opôr, por si mesma, aos dados incontestáveis da sua razão, nem às máximas da doutrina cristã.»

A despeito de ser esta e só esta a boa, a sã doutrina, sabe-se qual tem sido o procedimento dum grande número de padres—esquecidos de que arrastando os seus rebanhos a conspirarem, a pegarem em armas contra o regimen, legalmente constituído, implicitamente desobedecem à vontade dêsse que foi da Igreja grande diplomata, pois que assim se exprimia:

«E' inútil lembrar que todos os indivíduos são obrigados a aceitar êsses governos, e a nada tentarem para os destruir ou para lhes mudar a forma.»

Preconizando, todavia, a obediência e o respeito à autoridade legítima, não deixava, o grande Papa, de reconhecer que não pode haver formas de governo estacionárias e improgressivas, porque, dizia elle:

«...quanto às sociedades puramente humanas, é um facto cem vezes gravado na história, que o tempo, êsse grande transformador de tudo no mundo, opéra nas instituições políticas profundas transformações.»

Ora são estas transformações geradas pelo império do tempo e provocadas por novas *necessidades sociais* que o sábio pontífice mandou aos católicos da França acatar, e, olhando para o nosso caso, todos sabem como a nação portuguesa, de alto a baixo, reclamava uma mudança radical na sua forma de governação pública. Erro é, portanto, que se considere a revolução de Outubro como uma revolução ilegítima e sem ideal, negando-se-lhe a sua soberania política,—como ousam espalhar êsses padres conspiradores, inimigos de Deus e da Pátria.

Mas, objecta-se: «Esta República não pode ser acatada, pois que é uma República anti-cristã.»

E nós respondemos:—Esta República não é anti-cristã, porque, para isso, seria preciso demonstrar, com um pouco de sciência, que ella fosse ou tivesse de ser cristã. Como não se fará essa prova,—felizmente para todos os crentes de todas as religiões—o que os católicos teem a fazer é distinguir, como aconselhava Leão XIII, «podêres constituídos e legislação».

Dizia êsse alto espirito:

«A legislação difere tanto dos poderes políticos e da sua forma, que, sob um regimen cuja forma seja a mais excelente, a legislação pode ser detestável...»

Eis aqui o campo de acção que a Igreja, pela boca do que foi o seu mais glorioso chefe, preconizou e indicou ao povo católico e autoridades eclesiásticas da França, quando Mr. Combes apresentava ao parlamento a sua lei da Separação, e que era, nem mais nem menos, o que desejaríamos ver igualmente aconselhado e seguido entre nós—para que não houvessem tantos padres criminosos da Pátria e da República.

## CARTA AO MÁRIO

(INÉDITO)

Cá tenho a carta. Não sabias que parti? Desculpa. E' o costume. Eu não me despedi, nem me despeço, encubro, e fujo quando posso, sim. E' que quando venho, a vergar de osso em osso, 'stou morto por chegar, e acelero a partida. Depois, ó Mário, é uma estafa a despedida:—Adeus. Viva você. Dê-nos novas.—Adeus!... Fale-nos dêsse campo, e das árvores, dos céus!... Não se esqueça. Que tem? Leve a saudade agora!...—Adeus!...

E a caminhar, vergado de hora em hora, é um castigo.

Milhor assim. Quando eu voltar, com lembranças daqui, terei que te contar por êsse inverno adiante, às nossas brazas d'oiro. As toiradas ao sol, vendo fugir o toiro!... As ceifas, pelo val', vendo cortar espigas!... Ah!... E então, cantando, o ar das raparigas, tostadas da soalheira, arregaçadas, fortes!... Tu hás-de vêr, ó Mário, as assodadas sortes do teu amigo, a rir, chapéu de camponez, o cigarro, a correr pelo campo, ao invés do vento quente e alto, amando os céus formosos.

Vivo no limbo!

Os dias grandes, luminosos, que acordam quando tu, amigo da noitada, com tédio e sem vintem recolhes à poisada, e vais ler Taine e os teus amigos prediletos, êsses dias aqui—aureos, calmos, selectos, vivo-os eu, bem feliz, entre brandas neblinas, quando, no tanque idoso, a corrente das minas transborda e canta e espera!...

Ah!... Pela madrugada!... O ar de primavera, um ar de penas, meigo e frágil, remoçado, que embebeda de orvalho as rosas do valado, e espuma, pelo céu, as grandes núvens brancas,—êsse ar, sem igual, respiro-o, beijo-o; e as francas imanações das flores, dos ramos, das giestas, que abrem pelo montado o reduto das festas e convidam a rir, e convidam a amar,—ninguém melhor que do eu os poderá gosar!...

E ao meio dia.

Abre o sol uma aza de fôgo. Vejo-a no longe. Arma no espaço. Ardente e logo, corro nos campos, atravez os milheirais, afasto os verdes, corto as franças e os pinhais, e vou, ardente e só, entusiasmado e novo, lá para o soute em sombra, onde a massa do povo come o caldo à tigela e miga o pão no azeite. Ali, à sombra, eolia e calma, é um deleite sem par. Moços da ceifa, estourados de lutar, e alegres como alguém voltado de um desterro, erguem à boca, pingue, a garfada de ferro a babar-se de couve, e vajas e feijão. Ao redor, as mulheres, cortadas de aflicção, abrem o chambre claro. A canícula estruje. E com o seio à mostar, onde um pequeno muge, como nas vacas, ansioso e sem receios, embebeda-me ver a gordura dos seios a arfar, a engordar, doirados de virtude.

Palavra de honra—a vida, aqui, produz saude.

Já tu sabes, então, em que me encanto.

E agora...

Vê êste fim de tarde, à luminosa hora do poente!... Vão moças a cantar pela cobra da estrada, às telhas do lugar onde dormem, pesadas. No céu há núvens doiro, abertas e listradas de violeta e verdura. O cruzeiro do monte ergue ao alto a secura dos seus braços de pedra, ossificados, rentes. E na poeira, ao longe, alongadas, trementes, vozes dum agro sugestivo, singular, enternecem as flores e as árvores, a cantar para o monte, em saudades!...

Cae na montanha, agora, um dobre das trindades!...

Alfredo Guimarães.

NO CONGRESSO EVOLUCIONISTA

## Propõe um chefe

quem foi sempre contra o sistema personalista

«Não, não sofre, não pode sofrer o nosso ânimo a tortura de se calar diante daquela proposta original e inconcebível do dr. Alfredo Pimenta no congresso evolucionista realizado em Lisboa, proposta que o mesmo congresso dum maneira formal e absoluta regeitou!

«Aquele do nosso conterrâneo desejar que houvesse um poder, um mando hierárquico a dentro dum facção de partidários da República, só por um capachismo ridículo—que não condiz com a sua educação política—se pode admitir que surgisse nessa magna assemblea de homens dêsse século!

O dr. Alfredo Pimenta que não é nem um banal, nem uma figura apagada dentro do seu partido político, deve meditar nas responsabilidades que assume praticando actos ou exteriorizando opiniões que, como a sua proposta no congresso, deixam revelar obsecção de vistas e incongruência de doutrina, pois que se democracia quer dizer selecção, não se dirá, todavia, que seja a selecção dos super homens, dos chefes hierárquicos.

Bem sabemos—sabe isto toda a gente que tem olhos e quer ver—que ainda no partido mais radicalmente organizado se elevam e sobressaem, por flúidos de simpatia extrema, por provas de valor do maior relevo, por especialíssimas circunstâncias de luta, enfim, uma ou outra personalidade, uma ou outra figura de dirigente ou chefe, e que consubstanciando todo um partido fazem o seu prestigio e a sua prova de força. Mas da existência dessa cabeça nimbada e dêsse nome consagrado, segue-se que devemos eliminar os grandes, os primordiais factores dum partido organizado, que são os seus princípios, concebendo um chefe inamovível—marca registada?!

Não podia ser. Que assim o pensassem e tentassem promover, no seio da República, os representantes (?) da velha herança monárquica, vá que seria lógico e coerente que tal succedesse: num organismo do velho partido republicano,—só por chacota!

O dr. Alfredo Pimenta tinha, mais do que outro, restrita obrigação... intelectual e política, de não apresentar semelhante proposta no 1.º congresso do seu partido. Para isso bastava olhar para o que escreveu—notem bem!—em 1911, não na fuga precipitada dum artigo de jornal, mas no seu livro—*Aos Conservadores Portuguezes*, a propósito da formação dos partidos dentro da República:

«A diferenciação inter-partidária é de carácter personalista. Quer dizer: dentro do partido republicano vão criar-se partidos à semelhança dos antigos partidos monárquicos. E' contra êste



erro que andamos bradando por toda a parte, na maior isenção, com a mais tenaz boavontade de impedirmos que tal aconteça».

E, mais adiante, preconizando o melhor processo de combater este mal:

«Esta obra não só tem por fim o levantamento rial e integral do país, mas também a nobilitação da vida interna do próprio partido, dando cabo do sistema personalista que o está caracterizando.»

E em nota ao fundo da página, acrescenta:

«Este sistema dá azo a que pululem à volta de certos nomes, com um tal ou qual prestígio, intensas camadas de mediocres pouco escrupulosos. Acabar com esse sistema personalista é anular o triunfo dessa mediocridade apavorante.»

«Pois é ele próprio que, dous anos mais tarde, no 1.º congresso dum partido nascente, apresenta uma proposta onde consigna — que continue o sistema personalista legalizado!»

Mais juízo teve a assembleia partidária, que lhe rejeitou a proposta, — e passara à ordem dos trabalhos.

## ECOS

### Municipalismo

Os concelhos de primeira ordem, como é o nosso, terão de eleger 32 membros para a constituição da sua municipalidade.

Este número é bastante exigente para qualquer partido que reserve as 32 candidaturas para os seus correligionários, e, mais exigente é se torna quando se tenha em vista que a vida municipal vai ficar, de 2 de Janeiro em diante, autónoma e livre — com mais largas atribuições, mas, também, com mais soma de responsabilidades.

Desta maneira é chegado, enfim, o advento propício à satisfação de todas as vaidades, porque só não será vereador — quem não queira.

... Mesmo sem a vistosa decoração oficial da faixa bicolor.

### Socialistas

O partido socialista, desta cidade, propõe se, e muito bem, a concorrer às eleições municipais e paroquiais, que se lhe seguem, umas e outras lá para o fim do outono.

Vemos com agrado esta preparação para o exercício do seu direito político, tanto mais que este exercício de integração na vida pública criará nas classes operárias um consciente espírito de independência — mesmo contra as suas misérrimas condições económicas.

Que é — o operariado — criando a dentro da República a sua qualidade de cidadão, seja, embora, socialista, mas não se preste a fazer o jogo da reacção como com o ramo sindicalista vem sucedendo.

### Está certo

Um delegado no congresso do partido evolucionista disse, judiciosamente e acertadamente, que ninguém poderá, com razão, condenar esse partido político se ele amanhã no poder deixar de cumprir qualquer promessa, «por força de circunstâncias».

Repetimos: disse muito bem o ilustre sr. congressista.

«Pela força das circunstâncias» é que o actual govern tem mandado apreender e suspender jornais;

«Pela força das circunstâncias» é que alguns cidadãos ino-

centes — queremos crê-lo — tem sofrido prisão preventiva;

«Pela força das circunstâncias», em suma, é que muito se tem falhado ao velho programa do Partido Republicano — pois é esse o resultado de quem passa da opposição ao governo, da realidade à prática.

Disse por isso muito bem o ilustre congressista e só foi pena que ele não delimitasse onde principiam e onde acabam — essas «forças de circunstâncias».

### Uma excepção

Aquele «Comércio de Guimarães» que não queria, como gente muito boa, que se fizessem as «Gualterianas», de 1912 — evidentemente em sinal de sentimento pelo insucesso dos conspiradores em Chaves — demonstra ainda, um ano decorrido sobre essas festas, essa má vontade que então, dum modo desprimoroso patenteava.

Basta ler o artigo que em fundo dá notícia do que foram as festas deste ano, pois recordam-se ali — justo relevo — todos quantos tem trabalhado nesse empreendimento da brilhante iniciativa da Associação Comercial, menos os de 1912!

Esta excepção só não magoa — por vir do «Comércio de Guimarães», que é um bi-semanário... inofensivo.

### O 1.º congresso deles

Foi na capital e teve, se quizerem, uma larga concorrência de delegados o congresso do partido evolucionista.

O grupo evolucionista, desta cidade, pôde ainda enviar um telegrama de representação — como se os finados fossem alguma coisa na vida activa da política!

### Trabalhadores do campo

Estão legalmente constituídos em associação de classe os obreiros que arroteam e lavram a terra.

Não andaremos muito fora da verdade se dissermos que este sintoma de vida associativa vem alarmar os grandes donos da lavoura — eles que viviam na certeza de que só para os seus herdeiros haveria a temer a emancipação desse escravo alegre que, submisso, paga a renda ao senhorio, a congrua ao padre... e as promessas aos seus santos.

Se os donos da lavoura se competirem igualmente do seu papel como detentores da propriedade, hão de reconhecer que fizeram mal em não ter promovido em 1911 a criação do Crédito Agrícola, entre nós, ajudando por sua vez a propaganda dessa Escola Agrícola Agrolongo de que ninguém fez reparo.

— Caminham, nesses casos, os que pucham à charrua e à enxada.

### Exposição do «pelote»

Era hoje que em obediência a uma velha tradição se expunha no padão de Nossa Senhora da Vitória, — padão levantado defronte da porta principal da igreja da Colegiada no reinado de D. Afonso IV — o «pelote» que D. João I vestia, por baixo da armadura, na memorável e gloriosa batalha de Aljubarrota em 1386.

Em tempos idos realizava-se uma procissão comemorativa deste heroico feito darmos dos portugueses, sendo a mesma acompanhada pela Câmara e pelo Cabido, terminando por um sermão e missa cantada junto ao mesmo monumento histórico.

Esta procissão, todavia, já há muitos anos que não tinha lugar, e, com o advento da República, a mesma missa

cantada e sermão deixaram de celebrar-se.

«E quer agora o povo distinguir a marca do tempo nesta celebração de culto religioso... ao ar livre, paga pela Câmara?»

E' ver: Em sua origem, como dissemos, realizava-se uma procissão que era acompanhada pela Câmara; depois, desaparece a procissão, e a Câmara limita-se a assistir nas suas cadeiras de marroquim, colocadas no adro, ao sermão e à missa cantada; por último, a Câmara que já de há muito havia abandonado o hábito de assistir à cerimónia, acabou, por sua vez, com a mesma, determinando o corte nessa verba, mesmo antes do Estado se haver separado da Igreja.

«Que significa isto, ó povo, senão a modificação lenta mas insistente das tuas próprias necessidades religiosas?»

Duvidamos, porém, se o povo — que tanto apreciava o «apelote» do rei Bamba, como pitorescamente dizia — achará, como nós, lógica e natural, a última fase de transformação operada dentro do período republicano...

E' de crêr que ele se lastime, com saudades.

## O novo estabelecimento do Toural

é uma manifestação de progresso na nossa terra

### Parabens!

Durante muito tempo predominou no lojista a idea de que uma casa de negócio não devia, para conveniência do mesmo negócio, ostentar asseio que parecesse luxo. Este critério vinha da época em que os quasi únicos veículos de que dispunha o comércio localisado eram a «estafeta», o «almocreve» e o «recoveiro», tudo a contas com o levou e troufe, não existindo então nem caixeiros-viajantes, nem papel-moeda, nem cheques, nem cambios, nem vapor, nem telégrafo ao seu serviço.

Nada admirava, portanto, que as lojas fossem, como as betesgas onde pairavam, — acanhadas, sumidas, sem ar, sem luz, sem vida.

Não era porque os domínios do Belo não brilhassem em fulgorações de estilo e gosto requintado — sempre foram grandes e nobres e eloquentes as civilizações da Arte — mas, através desse império admirável, é certo que vamos deparar nos usos e nos costumes a ferrugem do preconceito e da rotina... senão dando leis ao mundo, pelo menos avassalando-o, absorvendo-o.

Ora o lojista que sentia, como nenhuma outra classe, a necessidade de lisonjear, de agradar, de servir as fórmulas da época; ele que era de sua natureza estático, conservador, ronco, porque é próprio é produto duma convenção, — acomodava-se... videirinhamente.

Depois, receiava romper, tentar um golpe, preso a uma filosofia de trazer por casa e que lhe pregava ao ouvido aquela lenda — de que o freguês desconfia e se arreceia das lojas bem dispostas.

Mas as exigências duma vida moderna, que por toda a parte remodelava processos e hábitos aranhados, foi puchando para fora das suas lojas bocetas, das suas lojas espeluncas, o respeitável sr. comerciante, obrigando-o a contribuir para a harmonia social com um pouco de atracção e gosto — envidraçando, expondo, iluminando...

E' certo que o freguês representando uma psicologia muito confusa — tam confusa que exige prodígios de paciência e astúcia para ser compreendida e dominada — é de seu natural desconfiado, chegando, em principio, a receiar dar entrada nos modernos e bem postos estabelecimentos, porque,

dizia, — era a sua bolsa quem pagaria o asseio.

Explicava-se isso pelo atavismo que nele revivia. Agora o caso modificou-se, pois que o freguês, seja rústico ou cidadão, deixa-se captar pelo deslumbramento dum sortido bem exposto, de maneira que à primeira vista de olhos logo se sinta preso numa agradável impressão de quem antecipadamente sabe encontrar... o que ainda mal sabe querer.

Ninguém duvida que isto assim não seja. Um estabelecimento bem posto é um mostruário bem lançado. O mostruário — é tudo.

O povo-freguês não se afasta de quem o bem trata. Um estabelecimento bem montado é um sorriso permanentemente aberto num convite. Principia-se por admirar-lo, e acaba-se por preferi-lo. Tudo num estabelecimento moderno dispõe bem... levando-nos até, instintivamente, a comprar por sedução. Caso é que tudo dentro dele corresponda à atmosfera arejada e chic.

E' o que toda a cidade tem direito a esperar do novo estabelecimento que ao Toural se mostra da firma Bastos & Vinagreiro.

Se é certo que uma terra, no mundo onde florescem as concepções do espirito e da Arte, vale pela importância dos seus museus e monumentos, não deixa igualmente de ser apreciada pela importância dos seus monumentos do labor e da actividade — que são as casas de comércio e as fábricas de produção,

O estabelecimento ao Toural é dos que engrandecem a terra, emprestando-lhe naquele ar elegante que lhe vem das suas portadas amplamente abertas em cristais e esposições. todo um prestígio de grande cidade, de cidade que quer viver e progredir.

Parabens aos seus proprietários e que o seu exemplo frutifique — mesmo que o comércio diga, como há mil anos, que «isto» vai mal, muito mal...

### As grandes converções

## GOMES LIAL E CHATEAUBRIANDE

Vai fazer agora três anos que os jornais, especialmente o *Portugal*, a *Palavra*, o *Petardo* e quejandas fôlhas de couve da reacção ultramontana, nos transmitiram, com um ar de grande acontecimento, a conversão religiosa de Gomes Lial, — o poeta do *Anti-Cristo* e do *Hereje*, para quem ainda há pouco a *Renasença Portuguesa* abriu uma subscrição pública no sentido altamente humano de lhe minorar a miséria.

Esta solidariedade artística, sobremaneira simpática, e que, sem resaios, de todos mereceu bom acolhimento, não impede que recordemos hoje aqui como se fêz essa conversão.

No sentido evidente de nos mostrar que tal conversão não era resultado de novas investigações de estudo ou sequer produto de inspirações sobrenaturais, lembrou Paulo Emilio, na *Lanterna*, que Gomes Lial levára longos anos uma vida de boémia e de estúrdia, e que este facto, bem assim a doença e a velhice, deixaram que uma profundíssima depressão de espirito se notasse desde há muito nos seus escritos. Filia-se, porém, a causa da sua conversão religiosa no grande abalo que lhe causára a morte de sua mãe. E' o próprio poeta quem o diz, entrevistado à data, por um repórter do *Portugal*:

«Sim. Segundo diz um diário jacobino, a «lenda» da sua regressão ao catolicismo diz que a piedosa senhora, ao expirar, lhe pediu que ouvisse uma missa por sua alma, e que foi nessa ocasião que V. Ex.<sup>a</sup>, tocado pela graça divina, se resolveu abjurar erros e voltar ao seio da Igreja.

«Não me recordo bem desse detalhe. O que sei é que mandei celebrar algumas missas por alma de minha santa mãe e que, no fim duma delas, resolvi confessar-me e entrar no catolicismo praticante.»

«O Portugal», 6 de Agosto, 1910.

A propósito desta conversão tam ruidosamente explorada escreveu na *Luta*, ao tempo, o médico e publicista ilustre, José de Magalhães:

«Este caso nada prova a favor nem contra a religião. Nas religiões há a considerar o sentimento religioso, as afirmações dos livros religiosos chamados dogmas e o culto religioso. Ora, em que é que uma conversão prova a verdade dos dogmas religiosos? Em nada, visto que a tais conversões respondem conversão em sentido contrário.

As conversões não tem pois nada de extraordinário.»

Por esta forma ainda o mesmo médico autorizado se exprimiu:

«... eu pude observá-lo: o seu olhar era outro, tinha um brilho estranho que não era o do simples olhar nevropático: era um olhar francamente doentio; e o seu andar, solitário, tinha alguma coisa de espadódico. Para um especialista, este simples kodak não deixava dúvidas: aquele organismo tinha transposto as fronteiras de doença, um trabalho mórbido operava-se no intimo daquele sistema nervoso.»

Mas a reacção, não lhe convinha nunca achar natural este nervosismo do coração e do espirito humano, até chegou à suprema audácia de negar que o poeta fôsse alguma vez materialista — como se a admirável obra do terrível pamphletário não fôsse suficientemente conhecida!

Vejamos agora, para contraste edificante, por exacto, os termos da conversão de Chateaubriand — aquele a quem o vento frio da incredulidade penetrára, como a Gomes Lial, até aos ossos:

«Minha mãe, depois que aos setenta e dois anos a arremessaram a masmorras, onde viu succumbir uma parte de seus filhos, expirou num grabato aonde seus infortúnios a haviam relegado. A lembrança de meus extravios espalhou sobre seus dias derradeiros uma grande amargura. Ao morrer encarregou uma de minhas irmãs de me reconduzir à religião em que eu fôra educado. Mandou-me minha irmã os últimos votos de minha mãe; quando a carta que me chegou às mãos, para lá dos mares, já a própria minha irmã não existia; morrerá também dos resultados do seu encarceramento. Aquellas duas vozes saídas do túmulo, aquele morto que servia de intérprete à morte, impressionaram-me: tornei-me cristão; não cedi, convenho, as grandes iluminações sobrenaturais; a minha convicção saiu do meu coração: chorei e cri.»

Bruno, «Questão Religiosa» pág. 90.

Como se vê, tem o caso de Gomes Lial aproximativo e análogo confronto com o caso da conversão verificada no autor do *Génio do Cristianismo* — um e outro cedendo não a resultados de novas convicções bafejadas do Sobrenatural, mas a abalos de dôr intima... se nos quizermos limitar a aceitar as próprias declarações públicas dum e outro.

## CANTO DA CIGARRA

Com teus olhos libertinos  
As mudanças que tu fazes,  
Tornas os velhos, meninos,  
E envelheces os rapazes...

Ofélia de olhar cinzento  
E dalma a escorrer saudades,  
Olha vai para um convento,  
Para um convento de frades.

E's linda e isso lhe basta.  
Antes te quer assim, louca.  
Não que éle, se fôsses casta  
— Fazia cruces na boca.

Augusto Gil.



## REPORTAGEM

**R**EALIZA-SE amanhã, pelas 15 horas, no edificio do Internato Municipal, a distribuição de 100 esmolas da quantia de 20, segundo a resolução da Junta Paroquial da Oliveira, e em acção de regosijo pelas melhoras do sr. Presidente da República.

Para assistirem ao acto da distribuição estão convidados os cidadãos que representam, na nossa terra, o município, administração do concelho, parlamento, imprensa e todos os mais cidadãos vimezanenses.

Bem haja a junta paroquial da Oliveira pelo seu acto generoso e democrático.

**N**A primeira quinzena de Janeiro realisa-se em Lisboa o congresso das associações comerciais e industriais.

**E**M 5 de Outubro é inaugurado na capital o congresso Internacional do Livre Pensamento.

**N**ão foi nenhum delegado por Guimarães ao congresso evolucionista.

**D**ESPEDINDO-SE do nosso conterrâneo Alfredo Mendes de Almeida, que parte brevemente para o Congo Belga, oferecem-lhe os seus amigos um jantar na Penha, realizando no mesmo local algumas diversões sportivas.

**F**ALECEU a sr.<sup>a</sup> D. Delfina Pires de Sousa, mãe do Tenente Adolfo Varja Pires Balaia, em Moçambique.

**M**ERCÊ da crise que atravessa a classe dos Cortidores e Surradores, não se realisa este ano a visita à Penha que os mesmos desde longos anos promoviam, em 8 de Setembro.

**A** festa escolar do Colégio do Campo da Feira esteve muito concorrida e selecta. O programa teve números lindos. A ensaiadora foi a inteligente professora D. Maria Agonia.

**E**STEVE nesta cidade, assistindo nas Escolas Centrais aos exames, o ex.<sup>mo</sup> sr. Ministro da Instrução, dr. Souza Junior.

**D**ESEMPENHA interinamente as funções de subdelegado de saúde, o sr. dr. Alfredo Peixoto.

**A** filarmónica «Boa União» vai fazer a festa da Assunção a Santo Tirso, amanhã.

**A** Associação dos Lavradores fez distribuir um manifesto de propaganda associativa. Realiza-se amanhã a inauguração da sua colectividade, havendo uma sessão solene, pelas 11 horas. A sede fica nas Capuchinhas.

**O** subsídio camarário para uso de banhos, a crianças pobres, foi, este ano, de 500, no total de 5000.

**R**ECEBEMOS de Aveiro um opúsculo que, sob o título—*De lva branca*, trata assunto que mais interessa à localidade, por ser de character pessoal.

**V**EEM-SE realizando em todo o concelho as costumadas festividades religiosas... com procissão e tudo.

**R**EALIZAM SE amanhã com esplendor, na Povoia de Varzim, as festas e procissão da Senhora da Assunção.

—Também ali vão criar uma feira anual, iniciativa da Associação Commercial.

—Já para aquela linda praia parliaram algumas famílias desta cidade.

**F**ECHARAM as últimas barracas da feira de S. Gualter, no largo da República do Brasil.

**O**s nossos amigos Abel e Mário Cardoso foram para a sua quinta de Gondomar, onde tencionam passar até ao fim de Setembro.

Felicitemos o Mário por brilhantemente ter fechado o seu curso na Escola de Guerra.

**O** nosso amigo e colaborador Alfredo Guimarães, encontra-se entre nós, em gozo de férias, até ao fim deste mês.

**A** Associação Humanitário dos Bombeiros Voluntários, manda celebrar, no próximo domingo, uma missa, pelo bombeiro Miguel José Peixoto, falecido no incêndio da Rua Elias Garcia.

**N**o último mercado, os preços dos géneros regularam: milho branco (Câmara), 272; milho amarelo (Câmara), 266; milho da terra, 288; centeio, 287; feijão, 1250; milho alvo, 1210; batata, 2400.

**E**STÁ nas Taipas, a uso das águas, o nosso secretário da redacção, Capitão de Pina Guimarães.

**N**o próximo domingo efectua-se em Braga um banquete em homenagem ao dr. Justino Cruz, secretário geral do Governo Civil, e Simões de Almeida, republicano histórico—cidadãos que gozam de muita simpatia, naquele meio.

**U**M jornal bracarense queixou-se de não ver aberta a Sociedade M. Sarmiento no dia de 2.<sup>a</sup> feira, relativo à festa da cidade. —O museu de arte religiosa (Tesouro) esteve aberto, sendo muito visitado.

**R**EUNIU na última segunda-feira a Federação das Associações Operárias, tomando algumas resoluções de interesse associativo.

**N**A Oliveira realiza-se amanhã a festividade à Virgem do mesmo nome. E' orador o rev. padre Manoel Lopes Martins.

**A** banda dos Guizes vai amanhã a Espozende, e dali para o Porto, onde tem festas contratadas.

**O** nosso dedicado patricio sr. Luis António Pereira, que se encontra em Vizela com sua família, tem recebido ali os cumprimentos de várias corporações desta cidade, como reconhecimento de serviços prestados.

**E**STEVE hoje entre nós, visitando os museus da Sociedade e Colegiada, o illustre Juiz do Supremo Tribunal Administrativo, nosso amigo dr. Manoel Monteiro.

Vinha acompanhado do general da divisão, chefe do Estado Major e seus ajudantes, indo todos, depois destas visitas, almoçar a Penha, a convite dalguns amigos políticos de s. ex.<sup>a</sup>

**A** NDA, enfim, em reparação a cada da rua de Paio Galvão, como se tornava mister.

**R**EFERIR-NOS HEMOS, no próximo número, ao caso de 11 irmãs de caridade no Hospital da Misericórdia.

**A** Comissão Distrital, na sua última sessão, aprovou a deliberação da Câmara Municipal, desta cidade, que concede o subsídio à viuva do bombeiro voluntário, Miguel José Pereira.

**D**URANTE este mês, o hotel da Penha tem tido uma concorrência extraordinária.

## Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

## Um saneamento que se impõe

Sr. Redactor.—Peço a publicação destas linhas por o que fico grato:

Creio que por lei não é permitido que dentro da cidade se criem suínos, o que em geral, por assim, dizer se vê.

E' pois lamentável, sr. redactor, que não tenhamos quem para estas coisas olhe, pois que rara sera a rua e casa, aonde tal gado não exista, chegando a haver algumas ruas, como por exemplo, a do Padre António Caldas (antiga de Santa Cruz), aonde casas ha que se torna preciso, ao passar por elas, colocar um lenço no nariz, tal é o mau cheiro que delas vem.

E como estas muitas outras. Seria bom que s. ex.<sup>a</sup> o sr. sub delegado de saúde se interessasse mais um pouquinho por a hygiene da nossa terra.

E a par disto, muitas coisas há por aí que carecem duma visita de s. ex.<sup>a</sup>

De v.

Um vimaranense.

## Parabens à banda regimental!

Sr. Redactor.—Lemos o extracto feito por o seu jornal à Festa da Cidade e, com estranheza, notamos que V. não fez menção duma coisa que todos os apreciadores de música gostosamente observaram:—que foi a maneira distinta e solene como a banda

regimental se houve no concerto de segunda-feira, das referidas festas.

Sem favor, é justo, ao menos, que nós aqui voltemos para a felicitar na pessoa do seu regente, já que a este mesmo seu jornal um dia viemos para a lastimar. Fica-se assim de bem com a consciência... e faz-se obra de verdade.

De V.

Dois apreciadores de solfa.

*N. da R.—Efectivamente a nossa banda regimental foi dum primor de conjunto que muito a honra; e se não destacamos essa circunstância na resenha das festas attribua se isso à ligeireza da noticia festeira... e a mais nada.*

## Bancos de assento

Sr. Redactor.—E se V. lembrasse à ex.<sup>ma</sup> Câmara para esta mandat colocar uns bancos no jardim do Carmo, e também no ajardinado Largo do Trovador? Ficavam ali bem—não lhe parece?

De V.

Um assinante.

*N. da R.—Somos do mesmo parecer, e temos até a certeza que connosco está o respectivo vereador do pelouro.*

*Falta só, pois, fazer isto: mandar pôr ali uns bancos.*

## Gratidão

A todos os cavalheiros amigos que cumprimentaram os abaixo assinados pela morte de seu querido e inditoso filho e sobrinho António Gomes Alves, num incêndio ocorrido nesta cidade no dia 12 do próximo mês findo, agradecemos do coração as famílias em luto, com aquela perdorável estima que as grandes dores sabem guardar no escrínio.

Guimarães, 12 de Agosto de 1913.

(a) José Maria Gomes Alves.

(a) Delfim Alves.

## O perigo da saúde pública

A análise do leite, sendo completa, compreende, como já dissemos, os seus elementos que normalmente o constituem (manteiga, lactose, cascina etc.), mas ainda a de outros que lhe são muitas vezes adicionados com um fim fraudulento—água, urina, fécula, etc.—que por vezes se tem encontrado e que infelizmente teriamos ingerido se não tivéssemos o refúgio da Vacaria da Costa, onde se encontra um leite de primeira qualidade, colhido para utensílios apropriados e com todos os cuidados de Higiene; ou como agentes conservadores—ácido bórico, ácido salicílico, bicarbonato de sódio, formol e outros—e finalmente a pesquisa de colostro e bacterias caracteristicas de algumas doenças e alterações.

O exame físico a que na nossa praça se recorre, como medida de fiscalização do leite, pode ser admitido como meio preliminar e provisório. Porém, só o exame clínico nos pode com segurança e precisão determinar o grau de pureza dum leite, bem como os seus elementos constituintes — a sua riqueza em gordura, a sua quantidade de caseina, lactose e sais — que o exame físico nunca pode revelar.

Assim o reconhecem o Pôrto,

Lisboa, Munich, e até mesmo algumas localidades do país, e mormente Ponte do Lima.

Não queira a cidade de Guimarães, representada pela Ex.<sup>ma</sup> Comissão Municipal Administrativa ficar aquem.

Sabemos que a esta corporação administrativa merecem atenção os assuntos de Higiene, falando-se já da grande obra — o saneamento da cidade — e fazemos-lhe a justiça de que saberá começar esta obra de saneamento por uma fiscalização aturada e inteligente, aos productos alimentícios adulterados, que infelizmente tanto abundam no nosso mercado.

O analista,

Manuel Jesus de Sousa.

## Éditos de 30 dias

1.<sup>a</sup> Publicação

No Juizo de Direito desta comarca e cartório do escrivão, abaixo assinado, correram seus termos uns autos de acção de processo ordinário intentado por António da Silva, viuvo, mestre de obras, do lugar da Ribeira, freguesia de S. Martinho de Sande, desta comarca, contra Tobias Pires da Costa e sua mulher Adelaide Rodrigues Alves Monteiro, actualmente ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, os quais, além do mais, foram condenados nas custas do processo, que ainda se mostram em dívida; e nos mesmos autos correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se depois da segunda e úl-

tima publicação deste anúncio, citando os referidos Tobias Pires da Costa e sua mulher Adelaide Rodrigues Alves Monteiro, para no praso de dez dias, posterior ao daqueles éditos, pagarem a quantia de 9\$14(5), importância de custa em dívida ao Juizo na referida acção, ou nomearem bens à penhora, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao meretissimo magistrado do Ministério Público.

Guimarães, 6 de Agosto de 1913.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz do Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 4.<sup>o</sup> officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

## EDITAL

1.<sup>a</sup> Publicação

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães:

Faz público que, na Secretaria Municipal, se acha em exposição pelo tempo de 10 dias, a contar da data deste, o segundo orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano, pelo que convida todos os munícipes a virem aqui ver e examinar o aludido orçamento, e, dentro do praso legal, apresentarem as reclamações que tiverem por convenientes, a fim de terem o devido destino.

E, para constar, se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 13 de Agosto de 1913. Eu José Maria Gomes Alves, escrivão da Câmara o escrevi.

O PRESIDENTE,

Mariano da Rocha Felgueiras.

## Anúncio

1.<sup>a</sup> Publicação

Pelo Juizo de Direito desta comarca, e cartório do escrivão abaixo assinado, correm seus devidos termos um processo de acção de divórcio, em que foi autor Joaquim José de Oliveira, casado, operário, morador no Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brasil, e ré Maria da Conceição Gonçalves, casada, tecedeira, do lugar da Póvoa, freguesia de S. João de Ponte, desta comarca, e por sentença de 21 de Julho, próximo passado, que já transitou em julgado, publicada em audiência da mesma data, foi autorisado o divórcio entre aquêles conjuges, o que se faz público para os efeitos legais.

Guimarães, 2 de Agosto de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manuel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.



# Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331 — PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

## SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América. Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

### DENTADURAS COMPLETAS (TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA  
PLATINA E CIMENTO  
DENTES A PIVOT  
OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO  
COROAS DE OURO  
LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,  
João Vellozo de Araujo.

## Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

## António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores, genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhan, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Aneora  
24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Bortido variado em bolacha inglesa — Café puro especial.  
Sortido completo em farinhas — Chá fino, preto e verde.

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

## Horário dos comboios

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam, entre Guimarães e Trofa, as partidas e chegadas no Pôrto; e entre Guimarães e Fafe designam as partidas e chegadas em Fafe. O Percurso entre Vizela e Guimarães ou vice-versa, oscila entre 16 (comboio rápido) e 20 minutos (ordinário).

### PARTIDAS

#### De Guimarães para a Trofa

- \* 5,51—Diário. Liga, 20' depois, com o Pôrto (C. 8,56) e cruza, 1,17' depois, com o Minho (P. 7,44).
- 8,16—Idem.—Rápido. Liga, 14' depois, com o Pôrto (C. 10,30) e cruza, 16' depois, com Braga e Valença (P. 8,43).
- 10,49—Dias úteis. Liga, 36' depois, com o Pôrto (C. 13,22).
- 13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,39) e cruza, 11' depois, com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,18).
- \* 17,07—Idem.—Correio. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 19,56); e cruza, 1 h. 19' depois, com Valença e Braga (P. 18,44); com o sul, de Campanhã, às 20,03.
- \* 19,57—Dias úteis. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 23,04).
- \* 21,30—Domingos e dias feriados. Liga, 15' depois, com o Pôrto (C. 23,56).

#### Para Fafe

- 8,17—11,34, Correio.—17,52—Diários. (C. 9,13—12,28—e 18,47).
- 22,—Dias úteis.—(C. 22,53).
- 10,17—e 21,36—Domingos e dias feriados. (C. 11,13—e 23,32).

### CHEGADAS

#### Da Trofa a Guimarães

- \* 8,07—Diário. Liga com o que, 44' antes, ali chega do Pôrto (P. 4,30).
- \* 9,44—Dias úteis. Liga com o que ali chega do Pôrto (P. 7,26) e cruza ali, 32' antes da partida, com Valença, e Braga (C. 8,56).
- \* 10,12—Domingos e dias feriados. Liga com o que, 11' antes, ali chega do Pôrto (P. 7,44).
- \* 11,27—Diário.—Correio. Liga com o que, 12' antes, ali chega do Pôrto (P. 8,43) e cruza ali, 15' antes da partida, com o Minho e Póvoa (C. 10,30).
- \* 17,44—Idem. Liga com o que, 1 h. 5' antes, ali chega do Pôrto (P. 14,18) e cruza ali, 16' antes da partida, com o Minho (C. 16,39).
- 19,14—Dias úteis.—Rápido. Liga com o que, 8' antes, ali chega do Pôrto (P. 17,10).

- + 21,29—Domingos e dias feriados (Ligam com o que, 12' e 29' antes, ali chega do Pôrto (P. 18,44) e cruzam ali, 1 h. 19' e 1 h. 29' antes da partida, com o Minho (C. 19,56).
- \* 21,51—Dias úteis.

#### De Fafe

- + 5,43—8,08, Rápido—13,21—16,58—Diários. (4,50—7,15—12,28—e 16,05).
- 21,19—Domingos e dias feriados. (P. 20,23).

#### Apeadeiros

- \* Paragem de 1' em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem na Madalena e Covas.
- Idem na Penha e Cepiães.
- Idem em Cepiães.

## INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

### Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º — GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.  
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.  
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgicos pelo método de Pasteur.

## Livraria editora GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

### Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr — Fromon, Jr., de Daudet.

### Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure — VII. O amor livre, de Carlos Albert — VIII. O sindicalismo, de H. Leone — IX. A sociedade futura, de J. Grave — X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine — XI. O capital, de Carlos Marx — XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon — XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche — A grande revolução, de Kropotkine.

### Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar — 3 a 5. O homem que ri — 6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três — 16 a 18 — N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal — Han-d'Islandia.

### Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre — V. Amores e aventuras, de Casanova — VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre — VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés — VIII. e IX. Amores de Fabulas.

# A PRODUTORA VIMARANENSE

## Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

## Interesses no Brazil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79 — Rio de Janeiro —, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães — com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano . . . . .	1\$200 rs.
Semestre . . . . .	600 "
Brazil, ano (moeda forte) . . . . .	2\$500 "
Número avulso . . . . .	80 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha . . . . .	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinautes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão